

Introdução de *Glycaspis brimblecombei* e *Leptocybe invasa* em eucalipto no Brasil

Carlos F. Wilcken¹
Pedro J. Ferreira Filho²
Alexandre C.V. Lima¹
Bruno Zaché¹
Leonardo R. Barbosa³
Marcus V. Masson⁴
Luiz Alexandre N. de Sá⁵
José C. Zanuncio⁶

Na última década, o setor florestal brasileiro tem sofrido perdas significativas com a introdução de pragas exóticas ou invasoras nas plantações florestais de *Pinus* e eucalipto. Para as florestas plantadas de eucalipto o psilídeo-de-concha *Glycaspis brimblecombei* (Hemiptera: Psyllidae) e a vespa-de-galha *Leptocybe invasa* são pragas que tem limitado plantações com *Eucalyptus camaldulensis* e híbridos com essa espécie.

Glycaspis brimblecombei

O psilídeo-de-concha *Glycaspis brimblecombei* é uma praga exótica ou introduzida no Brasil desde 2003, quando foi detectada em Mogi-Guaçu, SP. Provavelmente a via de ingresso no país foi aérea, uma vez que outras detecções foram feitas em áreas de eucalipto próximos aos aeroportos de Viracopos (Campinas, SP) e de Cumbica (Guarulhos, SP). Rapidamente a praga se disseminou para os estados vizinhos (MG, MS e PR), provavelmente por transporte rodoviário e naturalmente, estando presente atualmente em 15 estados brasileiros e no Distrito Federal.

¹Universidade Estadual Paulista, Departamento de Produção Vegetal, Campus de Botucatu, SP, Brasil, cwilcken@fca.unesp.br

²Universidade Federal de São Carlos, Campus de Sorocaba, SP, Brasil

³Embrapa Florestas, Colombo, PR, Brasil

⁴Copener Florestal, Alagoinhas, BA, Brasil

⁵Embrapa Meio Ambiente, Jaguariúna, SP, Brasil

⁶Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Biologia Animal, Viçosa, MG, Brasil

O ataque da praga, devido à sucção de seiva, causa descoloração das folhas, redução da área fotossintética e, conseqüentemente, redução no crescimento, além do secamento dos ponteiros, podendo levar as árvores à morte. Além disso, há a ocorrência de fumagina nas árvores atacadas. Há registro de mortalidade de árvores entre 40% a 95% em plantações de *E. camaldulensis* em São Paulo e Minas Gerais.

O principal método de controle é o biológico, com o uso do parasitóide introduzido *Psyllaephagus bliteus* (Hymenoptera: Encyrtidae). Entretanto, esse inimigo natural, cujo parasitismo pode atingir mais de 80%, tem mostrado sucesso parcial no controle da praga no período de seca. Para o controle ser efetivo, são necessárias liberações mensais do parasitóide nas áreas infestadas por *G. brimblecombei*. Estudos com o fungo entomopatogênico *Beauveria bassiana* têm demonstrado sua eficiência em condições de laboratório e campo. Em agosto de 2007, foi encontrado o primeiro predador nativo mais específico e efetivo no controle do psilídeo-de-concha: *Atopozelus opsimus* (Hemiptera: Reduviidae), que se alimenta de 10 a 15 ninfas por dia, removendo as conchas com as pernas e o rostro. Além disso, o percevejo preda os adultos de *G. brimblecombei*.

Outros métodos de controle são o químico, com o uso de inseticidas sistêmicos do grupo dos neonicotinoides, e a resistência de plantas a pragas. Nesse caso, foi desenvolvido um protocolo de laboratório visando auxiliar os melhoristas a avaliar a suscetibilidade ou resistência de clones de eucalipto em relação à infestação pelo psilídeo-de-concha. Métodos alternativos, como uso de adubação com fontes de silício, já foram avaliados, demonstrando potencial de uso na redução parcial das infestações.

A redução da população do psilídeo-de-concha deve ser baseada em estratégias de manejo integrado de pragas (MIP), que promovam a ação integrada de todos esses métodos de controle. Porém, o método principal deve ser o biológico, associando o parasitóide importado e os inimigos naturais nativos, em conjunto com clones de baixa suscetibilidade à praga.

Leptocybe invasa

A vespa-da-galha *Leptocybe invasa* (Hymenoptera: Eulophidae) é uma praga exótica, originária da Austrália, detectada no Brasil em 2008, e atualmente presente em oito estados brasileiros. No mundo há registro de presença em 30 países de praticamente todos os continentes. O adulto é uma minúscula vespa fitófaga de coloração marrom escuro brilhante e mede 1,2 mm de comprimento. São conhecidas apenas fêmeas e sua reprodução é por partenogênese telítoca, com potencial de crescimento populacional enorme.

O período médio de desenvolvimento, desde oviposição até emergência dos adultos, é variável, de acordo com o país ou região e com a planta hospedeira. Para *E. camaldulensis* mantidas em casa-de-vegetação, a duração do ciclo total foi de 132,6 dias em Israel, e de apenas 46 dias na Tailândia. Os ovos de *L. invasa* são colocados na nervura central de folhas, pecíolos e ramos jovens.

As galhas, que são hiperplasia celular nos tecidos da planta, podem causar o bloqueio do fluxo normal de seiva, levando à superbrotamento e secamento do ponteiro das plantas. Esses danos podem parar o crescimento de mudas e árvores e comprometer a produtividade. Árvores severamente atacadas mostram queda de folhas, perda de crescimento e vigor, crescimento atrofiado, superbrotamento dos ponteiros e, eventualmente, a morte da árvore. A praga pode formar até 50 galhas em uma única folha.

Até o momento não há métodos de controle eficaz para a praga. As possibilidades são o controle biológico, com a importação de parasitóides dos gêneros *Megastigmus*, *Selitrichodes* e *Quadrastichus*, que são ectoparasitóides das larvas de *L. Invasa*. Estão sendo testados inseticidas sistêmicos. Os inseticidas do grupo dos neonicotinoides são mais mais eficientes, principalmente se aplicados preventivamente no viveiro florestal. O controle cultural, com a remoção e destruição das mudas atacadas, pode auxiliar na redução das infestações em campo. A médio e longo prazo, a seleção de clones resistente é outra possibilidade. Porém, a praga ataca as principais espécies de eucalipto, como *E. camaldulensis*, *E. tereticornis*, *E. grandis*, *E. globulus* e alguns clones híbridos.

Palavras-chave: praga florestal, *Eucalyptus*, pragas exóticas, pragas invasoras

Apoio: IPEF, Empresas florestais